

A nova Atlântida, de Francis Bacon – promessas da ciência nas imagens e símbolos da casa de Salomão

Helvio Moraes¹

Submetido em: 10/07/2019

Aceito em: 29/07/2019

Publicado em: 08/10/2019

Resumo

A descrição da estrutura e funcionamento da Casa de Salomão, o enorme colégio de cientistas da ilha utópica de Bensalém, parece ter sido o principal motivo que levou Francis Bacon, já nos últimos anos de sua vida, à composição da *Nova Atlântida* (1626), um de seus raros textos ficcionais. Todos os episódios que compõem este relato utópico parecem preparar o leitor para o conhecimento do maravilhoso mundo novo construído pela ciência, algo que Bacon pode apenas vislumbrar e do qual parece ter consciência de ser apenas o propulsor, o que talvez explique a escolha que faz deste gênero literário para a apresentação viva de ideias e projetos que vinha amadurecendo ao longo de sua vida. O objetivo deste artigo é, primeiramente, situar o pensamento baconiano em sua relação com algumas tendências latentes no contexto intelectual da Inglaterra pré-revolucionária – momento em que Bacon atinge o auge de sua produção filosófica e abre novas perspectivas para o surgimento da ciência moderna, além de uma nova imagem do homem de ciência –, para, em seguida, apresentar minha leitura da parte final da *Nova Atlântida*.

Abstract

The description of the structure and functioning of Salomon's House, the huge scientific institution on the Utopian island of Bensalem, seems to have been the main reason which led Francis Bacon, in his last years, to write *New Atlantis* (1626), one of his rare fictional texts. All the episodes that

¹ Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT.

make up this utopian narrative seem to prepare the reader for the knowledge of the brave new world built by science, something Bacon himself can only glimpse and of which he seems to be aware of being only an encourager; this may explain his choice of the literary genre of utopia for the living presentation of ideas and projects that he had been maturing throughout his life. The aim of this article is, first, to situate Baconian thought in its relation to some latent tendencies in the intellectual context of pre-revolutionary England – a time when Bacon reaches the peak of his philosophical production and opens new perspectives for the emergence of modern science, in addition to a new image of the man of science –, then to present my reading of the final part of *New Atlantis*.

Introdução

A descrição da estrutura e funcionamento da Casa de Salomão, o enorme colégio de cientistas da ilha utópica de Bensalém, parece ter sido o principal motivo que levou Francis Bacon, já nos últimos anos de sua vida, à composição da *Nova Atlântida* (1626), um de seus raros textos ficcionais. William Rawley, seu secretário, executor literário e biógrafo, pode ter sido testemunha imediata da intenção de seu senhor, conforme a passagem que escreve no prefácio da obra: “Meu Senhor concebeu esta fábula com o fim de apresentar o modelo ou a descrição de um colégio fundado para a interpretação da natureza e a realização de grandes e maravilhosas obras para o benefício do homem²”. De fato, podemos considerar que a narrativa da *Nova Atlântida* se estrutura como uma espécie de percurso iniciático realizado pelos navegantes estrangeiros – dentre eles, o narrador, não identificado. Tal percurso se inicia pelo conhecimento da experiência religiosa dos bensalemitas, prossegue de modo ascendente pelas discussões sobre a estrutura política e social da ilha, assim como sobre a ética e a moral de seus habitantes, e culmina com a revelação de sua mais

² BACON, Francis. **The Works of Francis Bacon**. SPEDDING, J., ELLIS, R. & HEATH, D. (ed.). 14 vols. London: Longman, 1857-74, vol. III, p. 126.

importante e inaudita instituição. Todo o percurso parece ser uma preparação para o conhecimento do maravilhoso mundo novo construído pela ciência, algo que Bacon pode apenas vislumbrar e do qual parece ter consciência de ser somente o propulsor, o que talvez explique a escolha que faz deste gênero literário – a utopia – para a apresentação viva de ideias e projetos que vinha amadurecendo ao longo de sua vida. O objetivo deste artigo é, primeiramente, situar o pensamento baconiano em sua relação com algumas tendências latentes no contexto intelectual da Inglaterra pré-revolucionária – momento em que Bacon atinge o auge de sua produção filosófica e abre novas perspectivas para o surgimento da ciência moderna e, obviamente, a nova imagem do homem de ciência –, para, em seguida, apresentar minha leitura da parte final da *Nova Atlântida*.

Bacon, Maquiavel e os filósofos naturalistas

Desde muito cedo, o pensamento de Maquiavel inspira em Bacon a busca por uma compreensão realista do meio político em que circula e, conseqüentemente, uma interferência direta e efetiva nos assuntos do Estado, uma consciente adesão à noção de *negotium* em contraste com uma atitude contemplativa que caracteriza boa parte da literatura política precedente. Dentre as várias referências elogiosas feitas ao secretário florentino em seu *Advancement of Learning (O Progresso do Conhecimento)*, de 1605, Bacon admite que “muito é o que devemos a Maquiavel e outros que escrevem o que os homens fazem, não o que deveriam fazer³”. Esta visão mais pragmática, orientada ao que objetivamente pode ser estabelecido como útil e benéfico às instituições públicas, a partir das condições geradas por dado momento e lugar, está na base de todo o seu pensamento político. Fundamenta parte das cenas e diálogos que concebe em sua utopia, principalmente no que diz respeito

³ BACON, Francis. **O Progresso do Conhecimento**. Trad. Raul Fiker. São Paulo: Editora Unesp, 2007, p. 245.

ao “uso” da religião. Acredito que na *Nova Atlântida* temos um exemplo de religião civil, em moldes muito semelhantes aos que se podem depreender das páginas que Maquiavel dedica ao tema, ao ponto de propor, para a configuração do estado bensalemita, a religião como uma *ancilla scientiarum*. Ainda no *Advancement of Learning*, Bacon afirma que Maquiavel procedeu corretamente ao escolher o “discurso sobre histórias ou exemplos” como “forma mais adequada para este tema variável da negociação e dos assuntos civis⁴”, concluindo que “o conhecimento de particulares extraído recentemente e sob nossa vista é o que melhor se deixa aplicar de novo a particulares; e é muito mais conveniente para a prática que o discurso sirva ao exemplo, e não que o exemplo sirva ao discurso⁵”.

O que há de essencial nesta visão também pode ser levado em consideração quando se investiga sua concepção do conhecimento e sua aplicação. “Ir diretamente às coisas” e delas extrair uma utilidade material e prática é uma incontestável característica do pensamento filosófico baconiano. Neste sentido, é ainda Maquiavel, mais do que os filósofos naturalistas que o precederam, quem orienta, “em espírito”, seu método de investigação.

De fato, poucos anos antes de sua morte, Bacon elaborou um juízo em nada encomiástico a respeito dos filósofos Bernardino Telésio e Francesco Patrizi da Cherso, dois dos nomes mais importantes de uma nova teoria da natureza que começara a se desenvolver na Itália a partir da segunda metade do século anterior. Numa carta escrita em julho de 1622, em resposta a Redemptus Baranzano que, provavelmente, o comparava aos italianos como um inovador e lhe perguntava se os havia lido, Bacon afirma que sim, mas também acrescenta que os havia posto de lado, juntamente com os antigos, uma vez que todos tinham fracassado em suas tentativas de alcançar a verdade:

⁴ BACON, *op. cit.*, p. 276.

⁵ BACON, *op. cit.*, p. 276.

Os inovadores que você nomeia, Patrizi, Telésio, além de outros que você não menciona, eu os li. Pode haver uma quantidade deles - como também, nos tempos antigos, Anaxímenes, Anaxágoras, Demócrito, Parmênides e outros (pois omito Pitágoras como supersticioso). Entre estes, tanto antigos quanto modernos, observo grande diferença quanto à capacidade; quanto à verdade, muito pouca⁶.

e conclui a carta com uma frase significativa: “Em suma, a questão é a seguinte: se os homens se submeterem às coisas, algo será feito; se não, essas inteligências ficarão dando voltas no círculo⁷”.

Na verdade, Bacon não deixa de ter um débito para com o naturalismo de teor hermético-platônico difundido por Telésio, Patrizi e Campanella. Na juventude, é possível que tenha conhecido pessoalmente Giordano Bruno, entrando, assim, em contato com ao menos parte de sua reflexão filosófica. Whitaker dedica um estudo à questão da influência dos dois primeiros autores sobre o pensamento baconiano. Acentua a importância de certas passagens dos livros II e III das *Discussiones peripateticae*, de Patrizi, como fontes para a sua avaliação positiva dos filósofos pré-socráticos, assim como para uma “predominante brandura em relação a Platão, em contraste com a impetuosa hostilidade a Aristóteles⁸”. Em seu escrito mais importante, a *Nova de universis philosophia*, Patrizi elabora uma complexa teoria das Formas, que, a partir de “exemplares perfeitos”, como em Platão, tornam-se agentes criativos na natureza, o que está essencialmente de acordo com a ideia de Bacon de que não é possível conceber a Forma separando-a totalmente da matéria. No que diz respeito a Campanella, se se considera plausível o estudo de Eleanor Blodgett⁹,

⁶ BACON, *op. cit.*, vol. XIV, p. 378.

⁷ BACON, *op. cit.*, p. 378.

⁸ WHITAKER, Virgil K. “Francesco Patrizi and Francis Bacon”, **Studies in the Literary Imagination**, vol 4, n. 1, 1971, p. 112.

⁹ BLODGETT, Eleanor Dickinson. “Bacon’s New Atlantis and Campanella’s Civitas Solis: A Study in Relationships”, **PMLA**, vol. 46, n. 3, 1931.

Bacon o leu e, inspirado pela sua utopia, concebeu a ideia de escrever a *Nova Atlântida*.

Sucintamente, para estes “naturalistas”, a Natureza, por si só, é um objeto legítimo de investigação. Todos eles enfatizam a relevância dos sentidos como meios de observação. “Ler o livro da Natureza” torna-se, entre eles, uma expressão comum. Nesta “leitura”, Deus deixa de ter uma posição fixa (e intangível) em uma estrutura hierárquica universal e, por uma emanção gradual de suas qualidades, faz-se presente na Natureza, a ponto de torná-la sua parte material, seu lado sensível. Através da Natureza, Deus se comunica com o homem. Estando Deus, portanto, na Natureza, cabe ao homem, que se constitui como seu elemento racional, a tarefa de empreender a busca no sentido de compreender e dominar a sua linguagem. Ao fim deste percurso, conseguirá restabelecer o vínculo com o sagrado, perdido há eras longínquas, e terá construído sobre a Terra a forma mais elevada de existência, aquela que a maioria dos utopistas denomina “viver conforme às leis da Natureza”.

Contudo, o que Bacon julgava necessário – e o que lhe parecia faltar nos outros – era a busca pelo conhecimento empírico do mundo natural, o que demandava a elaboração de um método que, nos escritos dos “inovadores”, a seu ver, era ausente. Assim, opõe-se a um ideal de saber que se funda apenas sobre a pura contemplação de verdades universais por parte de uma mente privilegiada e solitária, uma contemplação que se pretende livre de quaisquer vínculos com o processo histórico. Para Bacon, “não se trata de conduzir a mente humana ao nível da mente divina ou fazer com que a realidade infinita do universo venha a ‘espelhar-se’ na mente do sábio¹⁰”. Ao contrário, o conhecimento é um processo que se cumpre por etapas, cada uma das quais representa a contribuição de uma época na história do domínio da Natureza, por parte do homem. É, antes de tudo, uma conquista coletiva, mais do que uma revelação individual. A verdade está na matéria e se deixa descobrir com lentidão.

¹⁰ ROSSI, Paolo. “Il mito di Prometeo e gli ideali della nuova scienza”, *Rivista di Filosofia*, vol. XLVI, n. 3. Torino: Taylor Editore, 1955, p. 143.

A Bacon também são caras as ideias de uma sabedoria primitiva e de uma Natureza como expressão da verdade. Contudo, o que distingue sua utopia de outras, como a de Patrizi e de Campanella, e nos fornece uma imagem de Natureza dessacralizada e completamente manipulável pelo homem, é a valorização do processo civilizador, do *artificium*, da técnica, a firme convicção da proeminência da experiência sobre a contemplação. Tomando como exemplo a filosofia de Patrizi, enquanto em suas páginas – como as dos *Dialoghi della Historia* (1560) e dos *Dialoghi della Retorica* (1562) – a história da civilização é vista como um processo de queda, de degeneração, que pode, no entanto, ser redimido por uma mente solitária e superior, em Bacon, ela é *advancement*, é exercício cívico, um processo cumulativo de conhecimento, realizado de modo coletivo.

Imagens e símbolos na descrição da Casa de Salomão

Como os utopistas do período, na *Nova Atlântida* Bacon pouco nos diz sobre as etapas intermediárias de tal processo, limitando-se a nos apresentar o momento em que as descobertas e as realizações mais significativas já se encontram concluídas.

Creio não haver motivo para se desconfiar das palavras de Rawley quanto a ter sido a descrição de seu paradigma de instituição científica o objetivo principal da incursão de Bacon no gênero da literatura utópica. Estabelecido este ponto de chegada, tudo o mais a ele se submete, ainda que não seja no mesmo grau de idealização que se dá com a representação da Casa de Salomão. Como exemplo, podemos dizer que Bacon demonstra não conseguir fornecer uma imagem de como seriam certos aspectos do viver associado sob o poder do empreendimento científico, cabendo, portanto, nestas passagens, mais uma visão crítica do presente do que uma descrição idealizada do futuro¹¹. Tal descrição

¹¹ MORAES, Helvio. “The Feast of the Family and the fragmentary aspect of the representation of socio-political structures in Bacon’s New Atlantis”. In: MONTEIRO, Maria do Rosário & KONG, Mário S. Ming (org.). **Utopia(s) – Worlds and Frontiers of the Imaginary**. London: Taylor & Francis Group, 2017.

idealizada se faz perceber, contudo, na última parte do texto.

Assim como a Casa de Salomão se localiza numa posição isolada, geograficamente distante do centro urbano – o que não acontece em outras utopias –, a descrição do colégio científico também, na narrativa, tem um aspecto diferente, que se não a isola da parte precedente, tem sua própria autonomia, podendo ser lida de forma avulsa. A própria alteração da estrutura narrativa nesta última parte corrobora esta ideia. Ao contrário da presença de elementos romanescos, percebidos no decorrer das passagens precedentes, aqui é possível perceber um compósito de elementos de gêneros textuais diversos, como o tratado, o aforismo, o elogio, o panfleto político, entre outros. A este respeito, a ideia de fazer da descrição da Casa de Salomão uma espécie de propaganda de seu programa científico me parece óbvia (a isto, soma-se a opção pela língua vernácula, como forma de atingir um público bem mais vasto e heterogêneo do que o de seus outros textos), e é muito provável que tenha influenciado boa parte dos opúsculos utópicos que surgiram nas décadas posteriores. O impacto produzido pela novidade que esta descrição propagava explica-se em grande parte pelo fato de que, com as outras instituições da ilha, seria possível fazer comparações, porque, em maior ou menor grau, se assemelhavam a seus referentes europeus. Quanto à Casa de Salomão, tal comparação não era possível.

Embora a interpretação da utopia baconiana tenha, nos últimos anos, se tornado um verdadeiro campo de batalha, dadas as divergências entre os seus estudiosos, ainda permanece como consenso a ideia de que a Casa de Salomão é a tradução do anseio do filósofo em ver institucionalizada uma sociedade científica, onde a pesquisa é realizada de forma cooperativa, baseada sobre uma noção de ciência experimental, que ao mesmo tempo se aproxima do que tempos depois veio a se denominar utilitarismo. No discurso do Padre da Casa de Salomão e na própria construção desta personagem encontram-se sintetizadas as principais ideias do programa de reforma do conhecimento proposto por Bacon ao longo dos anos, assim como seu ideal de homem de ciência.

Dentre todas as personagens míticas das tradições greco-romana e judaico-cristã, Salomão é, incontestavelmente, a que Bacon mais reverencia e uma daquelas a quem mais se refere. Sua imagem permeia toda a narrativa da *Nova Atlântida*, seja no nome da principal instituição da ilha, seja por meio da corruptela intencional no nome do grande legislador (Solamona), ou até mesmo na menção direta ao grande rei bíblico. Da mesma forma, ao longo das páginas do *Advancement of Learning*, a lição contida em suas sentenças encontra-se no amplo uso que delas o filósofo faz. A própria estrutura dos aforismos salomônicos serve de inspiração para a exposição das ideias do filósofo acerca de seu método de interpretação da natureza no *Novum Organum*. E, por fim, à imagem de Salomão, Bacon, por vezes, busca edificar a de James I, como nesta passagem da *Instauratio Magna*, em que pede

[...] que vós [o rei James I], que em tantas coisas sois semelhantes a Salomão – na gravidade dos vossos juízos, na paz do vosso reino, na grandeza do vosso coração, na nobre variedade dos livros que compusestes –, continuásseis o seu exemplo ordenando a compilação e aperfeiçoamento de uma História Natural e Experimental, verdadeira e rigorosa (expurgada da literatura e do saber livresco), unicamente destinada a servir de base à filosofia, [...] de modo que após tanto tempo, após a passagem de tantas eras, a filosofia e a ciência não mais flutuem no ar, mas assentem na sólida fundação de todo o tipo de experiências, em que as mesmas são bem examinadas e ponderadas. Furneci a máquina, mas quanto à substância é preciso ir colhê-la aos fatos da natureza¹².

A centralidade da imagem do rei bíblico no pensamento baconiano, assim como a do conteúdo e da estrutura dos escritos a ele atribuídos, nos possibilita compreender que, ao contrário de uma figura de monarca que

¹² BACON, Francis. *Nova Atlântida. A Grande Instauração*. Trad. Miguel Morgado. Lisboa: Edições 70, 2008, p. 10.

se impõe pela força militar e suas conquistas no âmbito da guerra, o ideal baconiano é o do sábio governante que assegura a prosperidade de seu Estado em tempos de paz. Idealmente, não são as virtudes guerreiras – a força, a coragem, a tenacidade –, nem as formas violentas de se conseguir a grandeza do império – a invasão, o extermínio, a pilhagem –, os elementos que Bacon toma em consideração para a sua concepção de império. De fato, creio não incorrer num equívoco ao afirmar que a maior aspiração do filósofo – não importa o quão consciente ele seja de sua enorme improbabilidade – é a configuração de um mundo em que são superados os limites e o antagonismo das diversas forças nacionais. É bastante sugestivo o título do livro de White, *Peace among the Willows*, extraído de uma conhecida carta que Bacon escreve em 1609, a partir da qual é possível afirmar que, em sua concepção de avanço do conhecimento, um dos pressupostos para o êxito de seu programa é a garantia do estado de paz, ao que White, muito perspicaz e ironicamente, afirma não ter sido a paz o que produziu a ciência, mas a “ciência floresceu sem a paz, e começamos a nos perguntar se Bacon não confundira o fim com os meios¹³”.

Ainda neste sentido, Peltonen argumenta que

Embora o florescimento do conhecimento civil exigisse circunstâncias e qualidades similares àquelas exigidas pela grandeza cívica, a noção de que a qualidade mais crucial para um grande estado era uma disposição guerreira colidia diretamente com a ideia baconiana de avanço do conhecimento. Na famosa carta enviada com uma parte da *Instauratio Magna* para Toby Matthew, em 1609, Bacon descreveu a si mesmo: “Eu sou como o moleiro de Huntingdon, que costumava orar pela paz entre os salgueiros; enquanto os ventos sopravam, os moinhos de vento trabalhavam e o moinho de água era menos usado. Assim, percebo que as controvérsias

¹³ WHITE, Howard B. **Peace among the Willows: The political philosophy of Francis Bacon**. The Hague: Martinus Nijhoff, 1968, p. 1.

religiosas necessariamente impedem o avanço das ciências”. Enquanto a grandeza cívica exigia uma disposição guerreira e, conseqüentemente, guerras também, a ciência avançava apenas na paz¹⁴.

Portanto, ao contrário dos atributos da guerra, o Salomão baconiano encarna as virtudes da paz – a sabedoria, a ilustração, a prudência, a moderação – e age com o método e os instrumentos que tais virtudes propiciam: estende a todos os confins sob seu domínio a abundância, a justiça, a sociabilidade, a manutenção da tranquilidade civil. A *Nova Atlântida* dá concretude ao juízo expresso no aforismo CXXIX do primeiro livro do *Novum Organum*,

E é digno de nota o exemplo de Salomão, eminente pelo império, pelo ouro, pela magnificência de suas obras, pela escolha e famulagem, pela sua frota, pela imensa admiração que provocava nos homens, e que nada dessas coisas elegera para a sua glória, e em vez disso proclamou: “A glória de Deus consiste em ocultar a coisa, a glória do rei em descobri-la”¹⁵.

No texto utópico, ao invés do rei, quem empreende esta busca, embora não solitária, é o homem de ciência.

O Padre da Casa de Salomão, figura central da ilha de Bensalém, é “um homem de meia idade, estatura média e aspecto agradável, [que parece] trazer no semblante uma compaixão pelos homens”¹⁶ Sua generosidade se manifesta no tratamento dispensado aos estrangeiros e na revelação, ao narrador, da “joia mais preciosa” que possui, a descrição do colégio que preside. Ao longo do discurso, torna-se evidente que seu poder advém do vasto conhecimento que possui, um conhecimento que, no entanto, deseja compartilhar. Segundo Rossi, esta é a sua imagem:

¹⁴ PELTONEN, Markku. **Classical Humanism and Republicanism in English Political Thought – 1570-1640**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995, p. 206.

¹⁵ BACON, *op. cit.*, vol. IV, p. 114.

¹⁶ BACON, *op. cit.*, vol. III, p. 154.

A postura titânica do mago da Renascença parece ter sido substituída por uma placidez clássica e por uma atmosfera parecida com a das conversações do primeiro humanismo. Porém, além daquela atmosfera, havia a consciência de que os homens podem dispor – servindo-se da técnica e da colaboração – de um poder desmedido e que o palco dos empreendimentos humanos já não era mais uma cidade, mas o mundo¹⁷.

Embora haja uma implícita alusão a uma possível abertura de Bensalém ao restante do mundo no momento da narração, a imagem que Bacon nos oferece da Casa de Salomão é a de uma comunidade fechada e autônoma, sediada numa espécie de enorme fortaleza em que se encontram laboratórios, torres, represas, lagos artificiais, câmeras, pomares, jardins, parques, fábricas, fornos e galerias.

Principal instituição da ilha, foi fundada por seu grande legislador, o rei Solamona, com a finalidade de se conhecer “as causas e os secretos movimentos das coisas, para a expansão dos limites do império humano e a realização de todas as coisas possíveis¹⁸” através do “estudo das obras e das criaturas de Deus, [...] para o maior proveito dos homens ao usufruí-las¹⁹”. O último quarto da utopia, além da descrição de sua finalidade, é dedicado à descrição de seus instrumentos, das funções de seus membros e dos ritos e normas que seguem.

O discurso do sacerdote compreende um elenco das maravilhas que o avanço científico é capaz de propiciar ao homem. É uma exposição didaticamente projetada, de modo que o narrador visualize o novo mundo construído pela ciência. Em amplas cavernas, fazem experimentos com refrigeração, conservação de corpos, produção de metais artificiais, além de utilizá-las para a cura de doenças e prolongamento da vida. Em torres

¹⁷ ROSSI, Paolo. **Francis Bacon: da magia à ciência**. Trad. Aurora Fornoni Bernardini. Londrina: Eduel, Curitiba: Editora da UFPR, 2006, p. 143.

¹⁸ BACON, *op. cit.*, vol. III, p. 156.

¹⁹ BACON, *op. cit.*, vol. III, p. 145.

construídas sobre montanhas, fazem as mais diversas observações meteorológicas. Em grandes lagos de água doce ou salgada, criam peixes e aves, filtram a água salgada ou a produzem artificialmente, e fazem experimentos de imersão de corpos naturais. Possuem poços, fontes e termas, com grandes propriedades terapêuticas, como a “Água do Paraíso”, eficaz “para a saúde e para o prolongamento da vida²⁰”. Regulam a qualidade do ar em “Câmaras de Saúde”, para o tratamento de doenças. Em rochedos do mar, fazem experimentos com o vapor. Estudam e produzem os mais variados tipos de movimento, a partir de torrentes, cataratas e da força dos ventos. Possuem espaçosos galpões, onde estudam e produzem fenômenos meteorológicos, inclusive chuvas artificiais de corpos sólidos e a “geração de corpos no ar, como rãs e moscas²¹”, assim como diversos fornos, com os quais estudam e geram calor. Em pomares e jardins, fazem experimentos com o solo, o cultivo de plantas, fabricação de bebidas, enxertos, inoculações e a produção extemporânea de frutos, alterando suas propriedades naturais. Desenvolvem várias espécies de adubo. Animais são criados em parques e cercados, mantidos ali não só pela “beleza do porte ou pela singularidade²²”, mas usados para experimentações com dissecações, em testes de fertilidade e na produção de fármacos, etc. Produzem porcelana de qualidade melhor que a dos chineses. Possuem “casas de fermentação”, assim como fornos e cozinhas onde são produzidos diversos tipos de bebidas, pães e alimentos feitos à base de raízes, frutas e carnes. Em dispensários e farmácias produzem drogas e ingredientes medicinais em variedade muito superior à que se produz na Europa. Diversos aparelhos mecânicos, totalmente desconhecidos dos europeus, foram inventados pelos bensalemitas, para a produção de papel, linho, seda, tecidos, etc. Fazem experimentos com a luz e com as cores em grandes laboratórios óticos, e em laboratórios fonográficos, estudam e testam de

²⁰ BACON, *op. cit.*, vol. III, p. 158.

²¹ BACON, *op. cit.*, vol. III, p. 158.

²² BACON, *op. cit.*, vol. III, p. 159.

diversas formas as propriedades dos sons, além de reproduzirem os sons de animais e pássaros, e de “transmitir sons a distância, em tubos e ductos²³”. Nas casas de máquinas, produzem armamentos muito mais sofisticados do que aqueles de que os estrangeiros têm conhecimento, e também meios de transportes inauditos, capazes de fazê-los se deslocarem pelo ar ou navegar sob a água. Nestas casas, também são produzidos autômatos e relógios de grande precisão. Em outro tipo de edifício, conservam instrumentos geométricos e astronômicos. Por fim, a instituição ainda abriga as casas para o engano dos sentidos, a que já aludi, onde, embora seja odiado pela comunidade de cientistas, é produzido todo o tipo de imposturas e ilusões.

Conforto material, produção artificial de força e movimentos iguais ou superiores aos naturais, preservação ou restauração eficazes da saúde, prolongamento da vida, entre tantos outros, eram também os sonhos do mago medieval. Em linhas gerais, a profusão de imagens de objetos, descobertas e invenções produzidas pela mente de Bacon pouco se difere daquelas produzidas pela magia natural, com a qual, apesar de sua atitude de repúdio, era bem familiarizado. É o processo para chegar à realização destes portentos o que principalmente distingue o filósofo de seus antecedentes e o projeta como um dos pais da concepção moderna de ciência.

O trabalho no interior do Colégio, substancialmente baseado na investigação empírica e realizado coletivamente, é rigorosamente definido conforme uma ordem hierárquica em cujo topo estão os “Intérpretes da Natureza”, que se deduz, sejam também os “Padres”, principais inteligências de toda a estrutura científica. À base do grande Colégio, há um corpo de noviços, assim como um grande número de serviçais e ajudantes, tanto homens quanto mulheres. Apesar desta enorme estrutura, não há uma relação de interdependência: a sociedade deve tudo à instituição. A Casa de Salomão, assim como Bensalém para o resto do

²³ BACON, *op. cit.*, vol. III, p. 163.

mundo, se mantém de forma autárquica.

Em relação ao trabalho científico em si, há dezenas de membros que desenvolvem um rigoroso processo de investigação, desde a coleta das informações e de experimentos – feita de modos diversos pelos Mercadores da Luz, que trazem à instituição o conhecimento que se produz fora da ilha, os Depredadores, que fazem uma espécie de suma dos experimentos descritos em livros; os Homens do Mistério, que recolhem os experimentos pertencentes às artes mecânicas, às ciências e a “práticas que ainda não se constituíram como artes²⁴”; e os Pioneiros ou Mineiros, que testam quaisquer experimentos que achem convenientes –, a organização destes através da compilação de tabelas – feita pelos Compiladores –, a análise dos experimentos para a extração de resultados de natureza prática, útil aos homens – trabalho dos Homens de Dote ou Benfeitores –, a orientação de novos experimentos a partir dos resultados já alcançados por meio de outros – feita pelos Faróis –, a execução destes novos experimentos – feita pelos Inoculadores –, e, por fim, os que, a partir de tudo o que foi produzido, formulam as observações, os axiomas e os aforismos universais: os Intérpretes da Natureza. Conforme Serjeantson,

A interpretação da natureza era uma das preocupações mais remotas de Bacon. É o objetivo final do *Novum Organum*, o processo que finalmente substituirá a concepção aristotélica da ciência. Os intérpretes da natureza são aqueles que chegam ao objetivo mais elevado da compreensão filosófica: “elevam” as descobertas feitas por todos os outros companheiros a “observações, axiomas e aforismos mais relevantes”. Em um sentido amplo, este era o objetivo de todo o livro II do *Novum Organum* – e de todas as obras anteriores que Bacon escrevera sobre a questão. Num sentido mais restrito, a produção de axiomas que partiam de particularidades sensoriais até a mais alta generalidade

²⁴ BACON, *op. cit.*, vol. III, p. 163.

metafísica era, de acordo com o *Novum Organum*, a única maneira genuína de descobrir a verdade²⁵.

Na representação literária de sua noção de homem de ciência, ao invés de um adepto do materialismo vulgar, percebe-se um sábio que conjuga conhecimento especulativo e método experimental ao longo do processo de compreensão dos arcanos da natureza. A experiência sensorial é o ponto de partida para a gradual descoberta desta verdade que a natureza encerra. Porém, o que coroa este esforço humano é a capacidade de abstrair “generalidades” que, de acordo com o vocabulário baconiano, significa a produção de axiomas ou formulação de princípios universais. Este é um processo incessante, pois, os axiomas, uma vez formulados, são aplicados em novos experimentos, e, aos poucos, ascende-se a princípios cada vez mais “gerais”.

A Casa de Salomão também possui um panteão de homens exemplares, os grandes inventores e descobridores da própria ilha, assim como do mundo conhecido pelos Europeus, representados em estátuas feitas de bronze, prata, ouro, ferro, mármore, jaspe, “cedro e outros tipos especiais de madeira, dourada e entalhada²⁶”. Dentre eles, o primeiro que o sacerdote menciona é Colombo, outra figura a quem Bacon reverencia e com quem, não raro, se compara, como nesta passagem do *Novum Organum* em que manifesta a esperança de que suas ideias, uma vez aceitas, serão a causa de importantes realizações:

é necessário propor e explicar os argumentos que tornam prováveis as nossas esperanças, tal como fez Colombo que, antes da sua maravilhosa navegação pelo oceano Atlântico, expôs as razões que o levaram a confiar na descoberta de novas terras e continentes, além do que já era conhecido. Tais razões, de início rejeitadas, foram

²⁵ SERJEANTSON, Richard. “Natural Knowledge in the *New Atlantis*” in PRICE, Bronwen (ed.). **Francis Bacon’s *New Atlantis* – New interdisciplinary essays**. Manchester: Manchester University Press, 2002, p. 97.

²⁶ BACON, *op. cit.*, p. 166.

mais tarde comprovadas pela experiência e se constituíram na causa e no princípio de grandes empresas²⁷.

Mais que mero expediente literário – que começa a se tornar comum na narrativa utópica – a navegação exerce um fascínio muito forte sobre o filósofo. Entre outras coisas, dela se vale como metáfora do conhecimento. Assim, não por acaso, o frontispício da *Instauratio Magna* tem como ilustração embarcações que navegam para além dos limites das colunas de Hércules, símbolo que a Antiguidade legou como o limiar do conhecimento humano. Uma embarcação acaba de transpor este marco, e percebe-se, à distância, outra que avança. Emblemática, nesse sentido, é a citação do versículo bíblico “multi pertransibunt et augebitur scientia” [muitos correrão de uma parte para outra, e o conhecimento se multiplicará]²⁸, do qual o próprio Bacon nos dá sua interpretação, ao afirmar que o profeta estaria claramente sugerindo que “está inscrito nos destinos, isto é, nos desígnios da Providência, que o fim do mundo – o que, depois de tantas e tão distantes navegações parece haver-se cumprido ou está prestes a fazê-lo – e o progresso das ciências coincidam no tempo²⁹”.

A consciência de um processo em andamento quanto ao conhecimento, seja geográfico ou intelectual, faz-se perceber mais nitidamente. Na ilustração, o horizonte claro e completamente desobstruído sugere um espaço incomensurável a ser descoberto. Deixando para trás de si os pilares (o estreito de Gibraltar), os navios rumam para o novo mundo, como se prontos a superá-lo, caso haja ainda algo – ou ainda seja possível aventurar-se – para além dele. Tal leitura se justifica quando se relaciona a imagem do frontispício a uma passagem da *Nova Atlântida*, em que a localização de Bensalém é dada como “além do velho mundo, e do

²⁷ BACON, Francis. **Novum Organum ou verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza**. Trad. José Aluysio Reis de Andrade. São Paulo: Nova Cultural, 1999, p. 75.

²⁸ Daniel, 12:4.

²⁹ BACON, *op. cit.*, p. 75.

novo³⁰”. Tudo isto pode ser visto como uma metáfora do progresso do conhecimento para Bacon. O filósofo tem a convicção de que é apenas o iniciador de um longo processo de “ampliação [em outras passagens, “conquista”, “recuperação”] do poder humano sobre a natureza”, como afirma ao considerar o programa da sexta parte de sua *Grande Instauração*:

A sexta parte da minha obra [...] desvela e avança aquela filosofia que através do percurso de investigação legítimo, casto e rigoroso, que comecei por explicar e preparar, é desenvolvida e estabelecida exaustivamente. Contudo, a conclusão desta última parte constitui tarefa superior às minhas forças e que excede as minhas esperanças. Ainda iniciei o trabalho – começo esse que espero que seja relevante – mas é à fortuna do gênero humano que caberá concluí-lo; e essa conclusão poderá ser de tal ordem que, nas condições atuais das coisas e da mente humana, não possa ser facilmente concebida ou imaginada³¹.

Assim, na *Nova Atlântida*, ultrapassados os limites do novo mundo, os navegantes espanhóis lançam-se no espaço do incógnito, sujeitos a uma nova descoberta, seja ela geográfica ou intelectual.

A navegação é o grande emblema do projeto que o moveu durante toda a vida, ao lado da imagem de sabedoria cristã e epicurista de Salomão. É sintomático, portanto, perceber a junção destes dois grandes ícones, Colombo e Salomão, na parte final da *Nova Atlântida*.

A exemplo de Colombo, o narrador, viajante que emula o mestre, ultrapassa os confins do mundo conhecido, agora, não mais as Colunas de Hércules, mas a América, a Velha Atlântida. Uma nova paisagem, da mesma forma, o deslumbrará, e um mundo completamente inesperado se apresentará para novas descobertas.

³⁰ BACON, *op. cit.*, vol. III, p. 134.

³¹ BACON, *op. cit.*, p. 42.

Por outro lado, de forma complementar, um espírito salomônico parece habitar a ilha recém-descoberta, atravessando uma longa história repleta de conquistas e prosperidade. Infundira discernimento e vigor ao grande Rei do passado para o estabelecimento de uma sábia instituição onde, no tempo da narrativa, se materializa na figura de seu grande Pai, que prepara a propagação do conhecimento que ali se produz para além dos limites de Bensalém. Esta é uma ideia muito parecida com a famosa descrição da corrida com tochas, presente na interpretação do mito de Prometeu, no *Sapientia veterum*:

Resta o caso das corridas com tochas acesas, instituídas em honra de Prometeu. Também isso, como o fogo em cuja memória e celebração foram criados tais jogos, alude às artes e ciências e adverte com prudência que a perfeição do conhecimento não cabe à rapidez ou habilidade de um só investigador, mas de muitos. De fato, os corredores ágeis e robustos talvez não sejam os mais aptos a conservar acesas suas tochas, que podem apagar-se quando se vai muito depressa ou muito devagar³².

Munido da autoridade que o Colégio lhe confere, o Padre da Casa de Salomão sabe que é hora de superar o interdito do antigo rei Solamona. Bensalém, “a filha da paz”, não tem mais o que recear quanto à realização cabal de seu objetivo de “expansão dos limites do império humano”, como um gesto de caridade. Ele agora detém o arbítrio do antigo rei. É também ele quem revela ao narrador o advento de uma época extraordinária, e para tal o prepara. O Padre da Casa de Salomão é o *alter ego* de Bacon.

³² BACON, Francis. **A Sabedoria dos Antigos**. Trad. Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora Unesp, 2002, p. 85.